

# Entre a angústia e o gozo: reverberações do discurso capitalista e a racionalidade neoliberal no laço social contemporâneo

---

Diêgo Fernandes e Jacqueline Moreira

## Resumo

Partimos da problemática: será que a *angústia* pode ser o afeto que não deixa o sujeito enganar-se sobre o engodo subjacente à racionalidade *neoliberal* vinculada ao discurso capitalista na contemporaneidade? O objetivo fulcral de nosso trabalho de fundamentação teórica esteve às voltas de compreender de que modo o discurso capitalista pautado pela racionalidade neoliberal tem reverberado sobre o sujeito e sua relação com o outro no laço social. Destacamos que há uma primazia do discurso capitalista no estabelecimento do laço social. Ao passo que isso nos levou a indicar que uma das reverberações implícitas ao discurso capitalista envolto pela racionalidade neoliberal está em fundamentar as relações entre o sujeito e o outro no laço social por meio do imperativo tautológico do gozo mútuo. Assim, na contemporaneidade, a norma passa pelo *outro especular* só ter utilidade para que o sujeito goze ilimitadamente. Por fim, destacamos que a angústia é a “voz” que grita em convocação ao sujeito para uma insurgência aos engodos próprios do discurso capitalista, simulacro contemporâneo da racionalidade neoliberal.

## Palavras-chave:

Discurso; Laço social; Neoliberalismo; Gozo; Angústia.

## Between anxiety and jouissance: reverberations of capitalist discourse and neoliberal rationality in the contemporary social bond

## Abstract

We begin with the problem: Could *anxiety* be the affect that prevents the subject from deceiving themselves about the deception underlying the *neoliberal* rationality linked to the capitalist discourse in contemporary times? The core objective of

our theoretical foundation work has been to understand how capitalist discourse, guided by neoliberal rationality, has reverberated onto the subject and their relationship with the other within the social bond. We emphasize that capitalist discourse holds primacy in establishing social bonds. This led us to suggest that one of the implicit reverberations of capitalist discourse, framed by neoliberal rationality, is the foundation of relations between the subject and the other in the social bond through the tautological imperative of mutual enjoyment. Thus, in contemporary times, the norm is that the *specular other* serves only to allow the subject to enjoy limitlessly. Finally, we highlight that anxiety is the “voice” that calls upon the subject to rise against the deceptions intrinsic to capitalist discourse, the contemporary simulacrum.

### **Keywords:**

Discourse; Social bond; Neoliberal; Jouissance; Anxiety.

## **Entre la angustia y el goce: reverberaciones del discurso capitalista y la racionalidad neoliberal en el lazo social contemporáneo**

### **Resumen**

Partimos de la problemática: ¿Podría ser la *angustia* el afecto que impide al sujeto engañarse sobre el engaño subyacente a la racionalidad *neoliberal* vinculada al discurso capitalista en la contemporaneidad? El objetivo central de nuestro trabajo de fundamentación teórica ha sido comprender de qué manera el discurso capitalista, basado en la racionalidad neoliberal, ha repercutido sobre el sujeto y su relación con el otro en el lazo social. Destacamos que existe una primacía del discurso capitalista en el establecimiento del lazo social. Esto nos llevó a señalar que una de las repercusiones implícitas del discurso capitalista, rodeado de racionalidad neoliberal, consiste en fundamentar las relaciones entre el sujeto y el otro en el lazo social a través del imperativo tautológico del goce mutuo. Así, en la contemporaneidad, la norma es que el *otro especular* solo tiene utilidad para que el sujeto goce ilimitadamente. Por último, destacamos que la angustia es la “voz” que convoca al sujeto a una insurrección contra los engaños propios del discurso capitalista, simulacro contemporáneo de la racionalidad neoliberal.

### **Palabras clave:**

Discurso; Lazo social; Neoliberalismo; Goce; Angustia.

## Entre l'angoisse et la jouissance : réverbérations du discours capitaliste et de la rationalité néolibérale dans le lien social contemporain

### Résumé

Nous partons de la problématique : l'*angoisse* pourrait-elle être l'affect qui empêche le sujet de se leurrer sur le leurre sous-jacent à la rationalité *néolibérale* liée au discours capitaliste dans la contemporanéité ? L'objectif central de notre travail de fondation théorique a été de comprendre de quelle manière le discours capitaliste, guidé par la rationalité néolibérale, a résonné sur le sujet et sa relation avec l'autre dans le lien social. Nous soulignons la primauté du discours capitaliste dans l'établissement du lien social. Cela nous a conduits à indiquer qu'une des répercussions implicites du discours capitaliste enveloppé par la rationalité néolibérale consiste à fonder les relations entre le sujet et l'autre dans le lien social par l'impératif tautologique du jouissance mutuelle. Ainsi, dans la contemporanéité, la norme passe par le fait que l'*autre spéculaire* n'a d'utilité que pour permettre au sujet de jouir sans limite. Enfin, nous soulignons que l'angoisse est la "voix" qui appelle le sujet à une insurrection contre les leures propres au discours capitaliste, simulacre contemporain de la rationalité néolibérale.

### Mots-clés :

Discours ; Lien social ; Néolibéralisme ; Jouissance ; Angoisse.

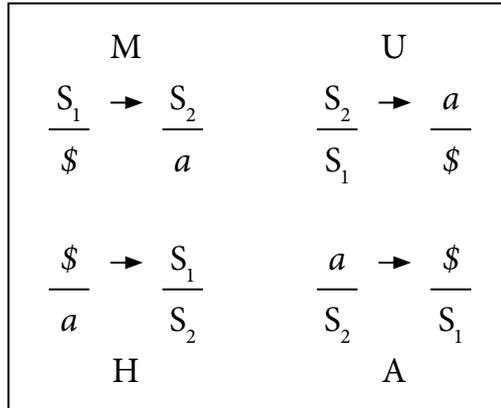
Lacan (1969-1970/1992), no *Seminário 17: o avesso da psicanálise*, assevera que o *discurso* pode ser entendido como os quatro modos de relacionamento nos quais são encontradas as fontes do sofrimento humano. Para formular sua proposição, ele parte da concepção de Freud sobre a impossibilidade implícita nos três ofícios: "(...) *Regieren, Erziehen, Analysieren*, quer dizer, governar, educar e analisar" (Lacan, 1969-1970/1992, pp. 176-177, grifo do original). Está aqui a ideia do mal-estar na civilização, destacado por Freud (1930/2010). Pois, para que haja civilização possível, entenda-se, relações humanas, são necessárias renúncia e perda na busca de prazer absoluto e ilimitado no laço social.

Essa problemática freudiana não apenas aparece com outra nomenclatura em Lacan, mas recebe um adendo que resulta em: discurso do mestre/senhor, equivalente ao governar; discurso do analista, correspondente ao analisar; discurso universitário, que diz respeito ao educar; e, por fim, discurso da histérica, relativo ao fazer desejar (Badin & Martinho, 2018; Câmara & Fernandes, 2024).

Em resumo, sustenta Lacan (1969-1970/1992, p. 177) que os discursos "(...) nada mais são do que a articulação significativa, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles". Ainda no *Seminário 17*, como é de

conhecimento geral, ele lança mão de fórmulas simples (*matemas*) para transmitir seu ensino. Nesse sentido, os quatro discursos aparecem da seguinte maneira:

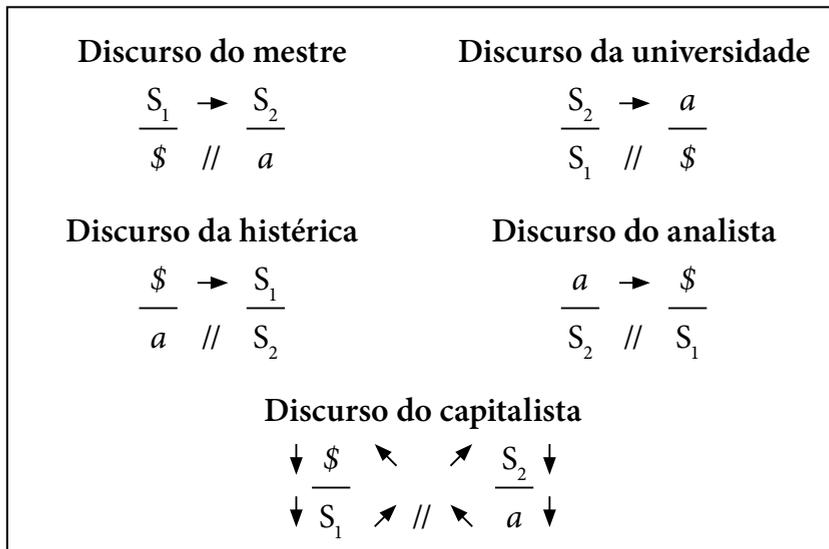
Figura 1. Estrutura dos quatro discursos no *Seminário 17*.



Fonte: Lacan, 1969-1970/1992, p. 72.

Contudo, na conferência de Milão *Du discours psychanalytique* é que Lacan faz a escrita do *Discurso do capitalista*, que agora aparece unido aos outros quatro discursos:

Figura 2. Estrutura dos quatro discursos mais um (capitalista) na conferência de Milão.

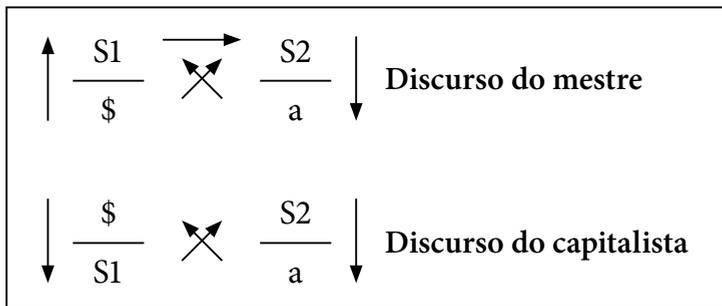


Fonte: Lacan, 1972/1976, p. 32.

Mas, ainda no *Seminário 17*, Lacan já tinha identificado uma transformação do discurso do mestre, que agora recai no discurso capitalista, como formalizado por ele em Milão. A ênfase desse “senhor moderno” está nos modos de produção capitalista, que, por sua vez, têm como resultado o gozo intermediado pelo consumo, os chamados *gadgets* (Lacan, 1969-1970/1992, 1972-1973/1985). O sujeito, imerso no discurso capitalista, não quer saber da experiência do impossível, pois: “Com seu desejo governado/ordenado/causado pelos objetos — mercadorias —, pelas latusas cuja construção é viabilizada pela ciência —, ele é aquele para quem não existe nem o real nem o inconsciente; aquele que não quer saber nada disso (...)” (Pacheco Filho, 2015, pp. 37-38).

A partir disso, ocorre o “deslizamento” do discurso do mestre para o discurso capitalista, como pode ser visto a seguir:

Figura 3. Deslizamento do discurso do mestre para o discurso capitalista.



Fonte: Badin & Martinho, 2018, p. 148.

Esse deslizamento, segundo Badin e Martinho (2018), indica uma modificação em que por muito tempo o discurso do mestre esteve no comando, mas *a posteriori* é o discurso capitalista que passa a predominar. Nisso vigora o discurso capitalista, que propicia a lógica de endereçamento de objetos de maneira privilegiada e potencializa, assim, o consumo dos *gadgets*, aprimorados pela técnica no sistema capitalista.

Nesse sentido, uma vez que o discurso, para Lacan (1972-1973/1985), serve para aparelhar o gozo por meio da linguagem, bem como é preponderante para ordenar a regulação das relações com o *outro* no laço social (Lacan, 1969-1970/1992), uma questão a ser posta é: há alguma predominância discursiva entre os discursos que vise a capitanear os sujeitos na busca de uma espécie de “homogenia subjetiva” no *laço social*? Além disso, será que a *angústia* pode ser o afeto que não deixa o sujeito enganar-se sobre o engodo subjacente à racionalidade *neoliberal* vinculada ao discurso capitalista na contemporaneidade?

## Discurso capitalista e laço social: as relações de gozo como reverberação da racionalidade neoliberal

Suspeitamos que o discurso capitalista vinculado à *racionalidade neoliberal*, expressão empregada por Dardot e Laval (2106), é o ordenamento que tem a pretensão de homogeneizar as subjetividades na contemporaneidade. Como é sabido, mesmo que haja determinadas divergências no campo geopolítico, o sistema econômico vigente no mundo globalizado é o capitalismo. Desse modo, na contemporaneidade, o discurso capitalista, *a priori*, recebe a primazia de regular e ditar grande parte das relações entre o sujeito e o *outro* no laço social. É nesse discurso capitalista que se ancora o *neoliberalismo*.

O neoliberalismo, conforme destaca Holanda (1998), surge no início do século XX em contraponto à preponderância de políticas socialistas e social-democratas advindas de influências *keynesianas*. Entre a década de 1930 e a de 1970, o neoliberalismo se restringiu ao contexto acadêmico e às instituições de pesquisa. Mas, com a vitória de Margaret Thatcher na Inglaterra e de Ronald Reagan nos Estados Unidos, essa visão de mundo sai dos muros acadêmicos para ser alçada na busca de se tornar uma ideologia hegemônica em níveis globais (Holanda, 1998).

Como concepção de mundo, o neoliberalismo é triádico: “(...) visão de homem, do agir humano e de sociedade” (Holanda, 1998, p. 52). Aqui está o ponto de jactância do discurso capitalista nos moldes da racionalidade neoliberal de homogenia das subjetividades. Ao tomarmos o ponto de vista triádico apresentado por Holanda (1998), podemos dizer que o neoliberalismo não se reduz à questão econômica e política da atividade humana, mas, sobretudo, implica modos de *subjetivação* do *sujeito desejante* e sua relação com o *outro* no *laço social*. O termo *subjetivação* é tomado, aqui, na perspectiva de ser formas de discursos e uma práxis de socialização, por intermédio das quais o ser humano pode vir a se tornar um sujeito (Silva et al., 2022).

Um ponto de vista que corrobora nossa suspeita aparece no que dizem Dardot e Laval (2016, p. 326), ao falarem que o momento neoliberal fundamenta-se pela homogênea formatação do discurso do homem às voltas com a “figura da empresa”. Ao passo que isso reduz o homem à unificação das múltiplas formas de subjetividade conservadas pela democracia liberal, que extraía disso a perpetuação de sua existência. Assim, eles sustentam que:

O sujeito unitário é o sujeito do envolvimento total de si mesmo. A vontade de realização pessoal, o projeto que se quer levar a cabo, a motivação que anima o “colaborador” da empresa, enfim, o desejo com todos os nomes que queira dar a ele é alvo do novo poder; ele é substituído dos dispositivos de direção das condutas. (Dardot & Laval, 2016, p. 327)

O discurso capitalista vinculado à racionalidade neoliberal — que, por sua vez, traz consigo uma subjetivação produtora de um “sujeito unitário” e “envolvido por si mesmo”, como dito pelos autores — reverbera e potencializa um laço social estabelecido por relações de gozo. O gozo, aqui, é aquele tomado a partir de Lacan (1972-1973/1985) no *Seminário 20: mais, ainda*. Nesse seminário, Lacan (1972-1973/1985, p. 11) enuncia a ideia de existir um imperativo *superegoico do gozo*, que funciona como a dizer para o sujeito: “Goza!”. Miller (2012) faz uma relevante contribuição a esse conceito em Lacan, ao escrever “Os seis paradigmas do gozo”. No sexto paradigma, ele descreve que o *Seminário 20* é o da “não relação”, e que o gozo tomado aqui é entendido como um fato por Lacan. Nesse sentido, sustenta Miller:

Trata-se de redescobrir, na própria psicanálise, o que triunfa hoje no laço social, o que se chama, sem que se pense muito nisso, de individualismo moderno e que torna, de fato, problemático tudo o que é relação e comunidade, até mesmo o laço conjugal, em que, mesmo aqueles que se pode[m] qualificar de conservadores, aqueles que sacramentam a rotina como tradição, são irresistivelmente capturados pelo movimento de invenção das relações a serem estabelecidas, pelo viés da lei positiva — aquela que é votada nos Parlamentos —, entre os átomos individuais. O ponto de partida encontrado no gozo é o verdadeiro fundamento do que aparece como a extensão, ou mesmo a demência, do individualismo contemporâneo. (Miller, 2012, p. 44)

A diagnose feita por Miller (2012, p. 44) sobre o gozo ser o “verdadeiro fundamento do que apara como extensão, ou mesmo demência, do individualismo moderno” coincide ao lermos Dardot e Laval (2016, p. 371) sobre existir com a implementação da subjetivação neoliberal, cada vez mais de forma patente, uma coerção imperativa na relação de gozo com o outro no campo social, que forma, por sua vez, o que eles chamam de “objetalização”. Não uma objetalização no sentido de transformar o outro em coisa, mas, na verdade, de ser inconcebível ceder a esse outro não mais do que um valor de gozo, ou seja, que o leve a “render’ um *‘plus’*” (Dardot & Laval, 2016, p. 371).

A perversão que clinicamente tem como marca singular a maneira do sujeito de lidar com o outro nos moldes de objetos a serem descartados desde o momento que se tornam insuficientes para sua satisfação agora é o *status quo* normativo de funcionamento do sujeito com o outro no social (Dardot & Laval, 2016). Entretanto, como ressalta Lima (2013), a predominância perversa do gozo nas relações se diferencia daquela clínica. O que podemos entender é que “(...) essa marca de gozo como algo que resiste e insiste, esse excesso, inscreve-se e se atualiza nos tra-

ços de perversão, localizáveis nos sintomas, nas fantasias e condutas sexuais dos neuróticos” (Lima, 2013, p. 478). Em outros termos, não se trata de uma *estrutura clínica* localizada na *perversão*, mas de traços de perversão identificados nas relações marcadas pelo gozo entre o sujeito e o outro no laço social contemporâneo.

O grande problema, e talvez o custo psíquico disso tudo, está no fato, como salientam Dardot e Laval (2016), ao citarem Lacan, de que o “gozo de si” pressupõe perda, certo limite imposto pelo campo social. A diferença na contemporaneidade é que essa perda é denegada, e o sujeito que funciona nos moldes da empresa presume no campo imaginário poder valer-se de um gozo ilimitado a serviço da empresa, leia-se do próprio sujeito (Dardot & Laval, 2016).

Para voltar ao início deste trabalho, parece haver não um mal-estar na renúncia antes imposta pelos discursos que sustentam o laço social. Mas agora o mal-estar estaria no fato de o discurso capitalista vinculado a uma racionalidade neoliberal dizer ao sujeito: goze ilimitadamente. Eis um aparente paradoxo entre o diagnóstico freudiano do princípio de prazer no passado e o superego como o imperativo de gozo detectado por Lacan na contemporaneidade. O que disse Lacan (1972-1973/1985) acerca de o superego ser o imperativo do gozo que praticamente grita ao sujeito: *Goza!* atinge proporções difíceis de encontrar precedentes como o do presente contexto, no qual a racionalidade neoliberal subordinada ao discurso capitalista predomina no estabelecimento do *laço social*. Como assevera mais adiante Dardot e Laval (2016, p. 371): “Essa lógica implacável tem um ‘custo’ subjetivo muito alto.”

Entretanto, é preciso resgatar aquilo que Lacan (2008) indica no *Seminário 16: de um Outro ao outro*, de 1968 a 1969, que uma novidade trazida por Marx em sua leitura sobre o capitalismo está na ideia de lugar do trabalho no mercado. Lacan (1968-1969/2008) afirma, ao ler Marx, que existe uma assimetria entre o valor recebido pelo trabalhador e o valor legítimo que essa força de trabalho de fato representa, algo que agora foi apropriado pelo capitalista. Nessa assimetria, ou, para ficar nas palavras de Lacan (1968-1969/2008, p. 37), é o “trabalho não remunerado, embora pago de maneira justa em relação à consistência do mercado no funcionamento do sujeito capitalista, é a mais-valia”. De forma homóloga a essa leitura de Marx sobre o mercado de trabalho, Lacan extrai sua escrita do *mais-de-gozar* como efeito do significante e possibilidade de entrada no discurso (Lacan, 1968-1969/2008).

Mas, afinal de contas, o que muda entre a ideia de gozo e a de mais-de-gozar? Lacan (1969-1970/1992) dirá que de fato houve, em algum momento da história, uma modificação no discurso do mestre. Nisso aqui é que se localiza a questão de, “a partir de certo dia, o mais de gozar se conta, se contabiliza, se totaliza. Aí começa o que se chama de acumulação de capital” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 189). Pode-se dizer que, no primeiro caso, no gozo, estava implícita uma renúncia, mas,

no segundo, o mais-de-gozar, existe uma condição mesma de entrada no discurso (Souto, D'Agord, & Sgarioni, 2014).

É em torno do “mais-de-gozar, todavia, que gira a produção de um objeto essencial (...) o objeto *a*”, nos dirá Lacan (1968-1969/2008, p. 18). Assim, o mais-de-gozar tem como funcionalidade a “renúncia ao gozo sob efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto *a*” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 19). Agora, justifica-se não se tratar no mais-de-gozar de renúncia, como no caso do gozo, pois o que está em voga é a entrada do sujeito no discurso propriamente dito. Cabe apenas ressaltar que não é que haja um antagonismo entre o mais-de-gozar e o gozo fálico ou o gozo do Outro, mas aponta para uma saída de Lacan do modelo termodinâmico presente na ideia de gozo, para um homólogo encontrado na mais-valia de Marx (Souto, D'Agord, & Sgarioni, 2014).

Destarte, as relações fundamentadas nos parâmetros do gozo no laço social contemporâneo acabam por levar à impotência do *sujeito*, que não se adapta às demandas de produtividade e autossuficiência impostas pela racionalidade neoliberal. Algo que talvez possamos questionar nessa conjuntura é: por que esse discurso capitalista envolto pela racionalidade neoliberal é tão potente em engajar o sujeito?

## **Uma guisa para não terminar: angústia, a voz que grita ao sujeito dos engodos do laço social firmado no gozo**

A racionalidade neoliberal, na leitura de Dardot e Laval (2016), trouxe consigo a proposta de que os indivíduos devem suportar indiscriminadamente todas as novas condições impostas, de maneira tal que seus próprios atos perpetuem e retroalimentem essas condições, que se enrijecem cada vez mais com o passar do tempo. Outro ponto destacado por eles é que a racionalidade neoliberal produz na conjuntura social hodierna uma norma em que o sujeito lida com o outro nos moldes de objetualização, a ser jogado fora na medida em que se torna insatisfatório (Dardot & Laval, 2016).

Como vimos, essa forma de funcionamento da racionalidade neoliberal ancorada no discurso capitalista formaliza um laço social e reverbera sobre o sujeito, levando-o à ilusão de possibilidade de gozo ilimitado (Dardot & Laval, 2016). A indagação que surge aqui é: qual é o motivo de o discurso capitalista figurado na racionalidade neoliberal ser tão potente que leve o sujeito ao vislumbre de gozar ilimitadamente? Uma resposta talvez seja porque na racionalidade neoliberal o sujeito é impelido a ser “especialista de si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo (...) impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição” (Dardot & Laval, 2016, pp. 330-331). Ou seja, é no campo do “eu” agir sobre si mesmo, em toda a extensão que isso queira dizer, que os seres humanos supõem acontecer tudo.

Roudinesco e Plon (1998) asseveram que o imaginário, além de correlato da expressão estádio do espelho, designa a dualidade da relação especular com o semelhante. Para Lacan, o imaginário é por excelência “lugar” do eu, com todas suas idiossincrasias: “fenômenos de ilusão, captação e engodo” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 371). Sobre o estádio do espelho, lembremos o que diz Lacan (1949/1998, p. 101, grifo do original): “Esse momento em que se conclui o estádio do espelho inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...), a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas.” Esse drama do ciúme primordial, bem como a dialética que faz o eu ligar-se a situações sociais, como dito por Lacan, é o que opera fantasmaticamente com o *outro especular* no laço social e o faz vislumbrar o gozo limitado. Trata-se, portanto, de algo da ordem do imaginário, com todas as suas idiossincrasias com essa tópica relacionada, ou seja, fenômenos de ilusão, captação e engodo, como dito por Roudinesco e Plon (1998).

Castanet (2019) argumenta que, em Lacan, podemos entender que o *real*, o *simbólico* e o *imaginário* são disjuntos, e que a atividade psíquica tem que lidar com essa desordem. Porém, existe um quarto círculo, que amarra borromeamente o *R.S.I.*, podendo esse quarto círculo responsável por fazer essa amarração ser chamado de “(...) realidade psíquica, Édipo, Nome-do-Pai ou sinthoma. Mas cada sujeito encontra sua solução e pode assegurar esse enodamento por uma bricolagem que lhe é própria” (Castanet, 2019, p. 121).

Portanto, a explicação para o engodo da racionalidade neoliberal ligado ao discurso capitalista ser tão potente em engajar o ser humano está no fato de a dissimulação de suas entrelinhas oferecer como quarto círculo da amarração de *R.S.I.* o gozo ilimitado. Assim, a ilusão está em cada sujeito enganosamente funcionar como se estivesse singularmente na busca do enodamento bricolado, porém o resultado é sempre o mesmo: gozar, gozar e gozar de maneira homogênea no laço social. Todavia, será que não há nada que indique ao sujeito subjetivado no discurso capitalista e atravessado pela racionalidade neoliberal acerca do *sui generis* engodo presente nessa lógica de gozo ilimitado?

Em nossa avaliação, a ideia de um sujeito unitário e envolvido por si mesmo é veiculada por intermédio do discurso predominante na contemporaneidade, o discurso capitalista. Temos por hipótese que esse discurso evidencia uma inadequação do sujeito diante das demandas a ele dirigidas, mostrando-se, na verdade, os legítimos engodos já destacados. À medida que aquilo que é inapreensível e não comportado pela ordem discursiva emerge na falha simbólica, ou seja, aquilo que é impossível ao sujeito colocar em palavras, sua inadequação ao discurso preponderante, resta apenas aparecer na forma de *angústia*. Lacan dedica todo um seminário para falar da angústia, o 10, de 1962-1963, que recebe o mesmo nome:

A *angústia*. Para Miller (2005), é aceitável Lacan tomar a decisão de debruçar sobre a teorização da angústia, visto que esse seria de fato o único afeto sem representação e apontaria diretamente para o real, como objeto *a*.

Leite (2010) afirma que, na tentativa de extinguir a angústia, o ser humano não se cansa de produzir discursos em que o Outro mostra-se representado pela completude. Contudo, como sabemos com Lacan (1962-1963/2005), há sempre um furo, algo não comportado no que os discursos pretendem, algo do *real*. Nas palavras de Lacan, a angústia é:

(...) esse corte — esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável; é esse corte a se abrir, e deixando aparecer o que vocês entenderão melhor agora: o inesperado, a visita, a notícia, aquilo que é tão bem exprimido pelo termo “pressentimento”, que não deve ser simplesmente entendido como pressentimento de algo, mas também como o *pré-sentimento*, o que existe antes do nascimento de um sentimento. Todos os desvios são possíveis a partir da angústia. O que esperávamos, afinal de contas, e que é a verdadeira substância da angústia, é o *aquilo que não engana*, o que está fora de dúvida. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 88)

Mas, se a angústia não é sem objeto, como dito por Lacan, o que necessariamente seria esse “sem objeto”? Ele vai dizer que, como ensina Freud, a angústia tem a função de sinal. Sinal esse que aponta para a relação existente do sujeito com o objeto *a*. Ele conclui que: “O sujeito só pode entrar nessa relação na vacilação de um certo *fading*, vacilação que tem sua conotação designada por um S barrado. A angústia é o sinal de certos momentos dessa relação” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 98, grifo do original). A angústia funciona como que a denúncia ao sujeito barrado (\$), sinalizando a ele que algo de sua vivência não é comportado no campo simbólico. É uma experiência que marca a irrupção do real, revelando a falha na simbolização e no sentido da linguagem.

A angústia surge como um corte que permite a abertura para o real, algo que não pode ser simbolizado ou completamente assimilado no mundo dos significantes. Esse “corte” é essencial para a presença do significante e sua capacidade de operar no real. Quando Lacan menciona que a angústia é “o inesperado, a visita, a notícia”, ele está aludindo ao surgimento do objeto *a*, aquilo que se manifesta de forma súbita e que está no cerne do desejo humano (Lacan, 1962-1963/2005, p. 88). Assim, um inexorável engodo advindo da soma na operação do discurso capitalista permeado pela racionalidade neoliberal é que o sujeito, ao funcionar nos moldes de uma empresa, como dito por Dardot e Laval (2016), torna-se ele próprio o capitalista que

se apropria do mais-de-gozar às voltas do objeto *a* causa de seu desejo. Em outros termos, isso se torna um efeito tautológico e mútuo do mais-de-gozar no estabelecimento do laço social entre o sujeito e o outro na contemporaneidade.

O corolário a que chegamos é, como ressalta Rodrigues (2017), de ser a angústia uma porta de uma convicção que toca na causa do inconsciente e, assim, sinaliza que dali existe a possibilidade de advir um sujeito. “É uma aposta” (Rodrigues, 2017, p. 17). Para ficar no pleonasma, é nessa aposta que apostamos, isto é, que a angústia no contexto de discurso capitalista imiscuído da racionalidade neoliberal é, por excelência, o afeto porta-voz que “grita” da causa do inconsciente e pode viabilizar a insurgência de um sujeito em face dos engodos desse discurso predominante por instituir o laço social na contemporaneidade.

## Referências bibliográficas

- Antelo, M. (2008). Os gadgets. *Universidade Católica do Salvador*, 1-16.
- Badin, R., & Martinho, M. H. (2018, dezembro). O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium: Estudos Interdisciplinares (online)*, X, 140-154.
- Câmara, M., & Fernandes, D. A. (2024). O discurso neoliberal e as fake news, uma questão do Outro(?): uma leitura psicanalítica sobre o (des)laço social contemporâneo. In R. F. Brito & C. E. Vieira. *Leitura(s) de fake news* (pp. 197-223). Catu: Bordô Grená.
- Castanet, H. (2019). *Para compreender Lacan* (C. D. Derzi & C. M. Moreira, Trad.). Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (M. Echalar, Trad.) (1a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. Souza, Trad.) (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Holanda, F. U. (1998). *Do liberalismo ao neoliberalismo: o itinerário de uma cosmovisão impenitente*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Krutzen, H. (2022). *Índex de referências dos seminários de Jacques Lacan: 1952 a 1980*. São Paulo: Toro.
- Lacan, J. (1976). Du discours psychanalytique. In J. Lacan & G. B. Contri (Ed.), *Lacan in Italia* (G. B. Contri, Trad.) (pp. 27-52). Milão: La Salamandra. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia* (V. Ribeiro, Trad.) (1a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (V. Ribeiro, Trad.) (1a ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Leite, M. P. (2010). *Psicanálise lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos*. São Paulo: Iluminuras.
- Lima, N. L. (2013, setembro-dezembro). As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, XIII(3-4), 461-498.
- Miller, J.-A. (2005, maio). Introdução à leitura do seminário da angústia de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eolia, (43), 14.
- Miller, J.-A. (2012). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana Online* (7), 1-49.
- Pacheco Filho, R. A. (2015). Compra um Mercedes Benz prá mim? *Psicologia Revista*, 24(1), 15-44.
- Rocha, T. H. (2021). Neoliberalismo e teoria dos discursos: os usos do corpo na contemporaneidade. *Revista Subjetividades (online)*, 21, 1-16.
- Rodrigues, G. V. (2017, dezembro). Revisitando o conceito de angústia. *Reverso*, 74(39), 15-20.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva, D. D. et al. (2022). Matrizes psicológicas da episteme neoliberal: a análise do conceito de liberdade. In V. Safatle, N. D. Silva Júnior, & C. Dunker. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (1a ed., pp. 77-124). Belo Horizonte: Autêntica.
- Souto, L. A., D'Agord, M. R., & Sgarioni, M. M. (2014, janeiro-junho). Gozo e mais-de-gozar: do mito à estrutura. *Clínica & Cultura*, VIII(I), 34-44.

**Recebido:** 01/11/2024

**Aprovado:** 15/11/2024